
ADOLESCENTE: UM LEITOR EM BUSCA DE SENTIDOS E DA SOCIALIZAÇÃO DA LEITURA

Teenager: a reader in search of meaning and reading socialization

Ângela Cogo Fronckowiak¹
Rosiana Kist²

RESUMO: A partir de uma pesquisa empírica com adolescentes, buscamos saber o que os jovens leem e refletir sobre o seu lugar no mundo da leitura. Antes, fizemos um percurso sobre a leitura e a relação entre texto e leitor, reunindo conceitos acerca de literatura de massa e *best-seller*. Baseados no fenômeno da experiência, buscamos compreender como algumas obras com pouca circulação nos ambientes educativos tocam profundamente os jovens de 13 a 18 anos, e vimos que o mercado editorial denomina este público leitor como *Young Adult* (YA). Tais conceitualizações foram relevadas quando analisamos duas obras do escritor americano John Green. O estudo levou-nos a confirmar as hipóteses levantadas de que o jovem lê muito, mas são obras não legitimadas pela escola. Além disso, ele sente necessidade de socializar suas leituras; prova disso são os fenômenos digitais envolvendo o assunto, como o sucesso dos *booktubers* e as dezenas de plataformas de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura juvenil; Leitura; Experiência.

ABSTRACT: From an empirical research with teenagers, we seek to know what young people read and reflect on their place in the reading world. First, we take a route on reading and the relationship between text and reader, bringing together concepts about mass literature and bestseller. Then, based on the phenomenon of experience, we seek to understand how some works with little circulation in educational environments deeply affect young people from 13 to 18 years old, a public referred by the publishing market as Young Adult (YA). Such conceptualizations came to light when we analyzed two works by the American writer John Green. The study led us to confirm the hypotheses raised that the young-adult reads a lot, but books not legitimized by the school. Moreover, he/she feels the need to socialize his/her readings; proof of this are the digital phenomenal involving the subject, such as the success of booktubers and the dozens of reading platforms.

KEYWORDS: Teenager literature; Reading; Experience.

¹ Professora adjunta do PPGL da UNISC, é Graduada em Letras (UFRGS), Mestre em Letras (PUCRS) e Doutora em Educação (UFRGS). Contato: acf@unisc.br.

² Mestranda na Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Licenciada em Letras e graduada em Relações Públicas pela mesma Universidade. E-mail: rosianakist@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir do interesse em descobrir o que gostam de ler os adolescentes e da curiosidade em saber o conteúdo de livros com centenas de páginas que alguns deles "devoravam" rapidamente. A pesquisa empírica, realizada em 2016, justificou-se por encontrarmos um jovem de 14 anos, cursando o 9º ano de uma escola particular, que lia compulsivamente. Tal contato instigou-nos a questionar se ele tinha outros colegas ou amigos que também costumavam ler e, em caso afirmativo, de quais livros eles mais haviam gostado entre os lidos no último ano e o que os motivos às escolhas.

A pesquisa desvelou um grupo de cinco jovens leitores, indicado pelo primeiro entrevistado, todos do 9º ano, frequentando escolas particulares – não a mesma – e que tinham em comum o fato de adorarem ler e falar sobre a leitura. A partir das suas indicações, tivemos contato com uma lista de mais de 20 obras, englobando as mais citadas, e dezenas de autores. Com essa evidência, perguntamo-nos: será que o jovem não lê? E, alicerçados nessa interrogação, refletimos sobre o lugar do jovem no mundo da leitura, pluralizando o sentido de ler em sua relação com os livros.

Assim, na primeira seção, visitamos autores que nos falaram sobre livros, práticas da leitura, bem como sobre relações entre texto e leitor, salientando o papel da comunidade escolar e do letramento literário nesse processo de formação. Ainda, evidenciamos o adolescente e, baseados no conceito de experiência, abordado por autores como Cosson (2011) e Larrosa (2002, 2003), investigamos como algumas das obras, frequentemente não valorizadas no circuito educacional, sensibilizam os jovens, teorizando acerca dos conceitos de literatura trivial, de massa, de entretenimento e do próprio *best-seller*. Trouxemos, também, debates sobre a literatura juvenil – gênero que propõe novas denominações para os leitores, a partir do mercado editorial. Ainda, a partir de dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (PROLIVRO, 2016), apresentamos plataformas que tratam de livros e leitura, e envolvem os jovens em fenômenos digitais.

Na segunda e última parte, discutimos as bases destas conceituações na análise de duas obras do autor John Green (2010, 2012) – citadas por todos os adolescentes entrevistados. Além de sondarmos um pouco da sua estrutura narrativa, buscamos as características comuns, o que oportunizou correlacionar os significados da experiência de leitura para os jovens com os sentidos de obras que identificamos como literatura de massa.

Os livros assemelham-se a diálogos com o leitor sobre a vida e é preciso aprender a conversar. A vida é um intercâmbio permanente de significados entre o que damos, o que recebemos e o que deixamos passar. E isso ocorre *em* linguagem, por isso, parece-nos que a literatura ocupa um espaço simbólico onde se intensifica tal construção. A leitura literária é um recurso profundo de transformação das relações entre os seres, já que, mesmo não modificando necessariamente o mundo, pode fazê-lo “ao menos mais habitável, pois o fato de nos vermos em perspectiva e de olharmos para dentro contribui para que se abram novas portas para a sensibilidade e para o entendimento de nós mesmos e dos outros” (REYES, 2012, p. 28).

Reconhecer a diversidade de textos é recurso saudável para buscar identificar as posturas que os leitores, sejam professores ou alunos, podem alcançar diante deles. Contudo, pesquisar sobre leitura envolve fatores que extrapolam o âmbito escolar, já que ela tem caráter essencialmente social e não meramente pedagógico. A ação de ler, na origem etimológica latina da palavra, relacionava-se à agricultura. Ao latim *legere* equivaliam os sentidos de colher, escolher e recolher. Assim, o leitor percorre o texto, identifica significados, estabelece conceitos e constrói unidades de leitura para instalar uma continuidade que lhe expresse sentidos e efeitos. Uma colheita de bons frutos.

Entretanto, as práticas de leitura podem ser sempre discutidas. A questão de que os brasileiros leem mal ou pouco também. Quando o assunto é o jovem, a apreensão é maior. Mas o que significa ler, afinal? E o brasileiro lê mal ou bem o quê? Toda a leitura desinteressa ao jovem? Por ser prática de interação social e cultural, a ação de ler vai além de decifrar um código. Elementar para criar conta no banco, votar, entender a fatura da luz, ou a bula do remédio, seu desempenho também ensaja ler jornais, sinais de trânsito, *Sabrina*, Machado de Assis, José Saramago ou *best-sellers*, e ouvir sua voz de leitor na voz dos textos lidos. A leitura abre trilhas inexploradas, “não no sentido de ler desrespeitando as divisões convencionais, mas no sentido de se poder superá-las na construção de leituras várias” (PAULINO, 2001, p. 33).

Enquanto educação literária, a leitura da literatura na escola é um produto do século XIX. Cosson (2011) assevera que ela se mantém, fundamentalmente, em função da tradição e da inércia curricular, fruto da sua relação falseada como matéria educativa. Em contornos diversos, a divisão da literatura conforme a faixa etária do leitor, “coloca, de um lado, a literatura infantojuvenil e, de outro, a literatura sem adjetivo” (COSSON, 2011, p. 20). Isto gera o “vácuo”, como o autor denomina, entre os livros publicados como literatura juvenil ou “adulta”, mostrando que “os leitores daquela não se

transformam em leitores desta, como se, uma vez 'formado' o leitor, a literatura já não tivesse razão para fazer parte da sua vida" (COSSON, 2011, p. 20).

Para fissurar ainda mais esse vácuo, os níveis de ensino fundamental e médio focalizam diferenciadamente a leitura literária no âmago da sala de aula. No primeiro, em geral, há ênfase em textos curtos, como contos e crônicas, ficando a leitura de obras como tarefa extraclasse ou especial. Já no ensino médio, momento em que jovens dos 15 aos 17 anos convivem com dúvidas e complexidades, a literatura acaba limitando-se à brasileira, vista a partir da periodização histórica e do consumo de fragmentos de obras na intenção de dar a ver as características de cada período e estilos de época.

Desse modo, há reduzido espaço para encontrar o texto real, que complexifica o viver. Neste cenário, Cosson (2011, p.23) provoca e diz que seria significativo ensinar admitindo a leitura literária "sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige". O teórico propõe a leitura efetiva de textos na escola, encarada como experiência e não como conteúdo, a partir de três responsabilidades: reconhecer a cultura e a necessidade de leituras do aluno; aceitar a existência do cânone como herança cultural, sabendo que ele participa de outros sistemas dentro da literatura; e, por fim, perceber a pluralidade e assumi-la.

Em relação à primeira responsabilidade, questionar possíveis sentidos do ato de ler para os jovens faz-nos reafirmar que a intimidade com a literatura permite apreender a vida, por meio do vigor da linguagem de outro, o que também é, no caso do seu ainda pequeno transcurso de vida, poder viver como outros, ser outros, romper limites do espaço e do tempo de sua experiência sem perder a identidade.

Com esse discernimento, adentramos a segunda. Sendo o leitor um viajante, um caçador de sentidos, a experiência de ler se comporta como uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor deixa a realidade para o universo fictício; depois, volta ao real, nutrido de ficção. Se, no início da trajetória leitora, tal trânsito implica buscar similaridades entre os enredos e a vida de leitores, e personagens, na sequência, ele indicará possíveis relações também com aquilo que não somos, mas que tem lugar em nós. Com Larrosa (2002), vemos que a leitura da palavra escrita impõe *em nós* a dinamicidade de seu caminho, mesmo quando a experiência narrada é um acontecimento improvável ou distanciado temporal e contextualmente – por exemplo, as vivências registradas no cânone.

Desse modo, o respeito fidedigno à cultura e às necessidades do leitor, assim como ao cânone enquanto herança cultural, encaminha à percepção de que a via do reconhecimento da pluralidade é condição para a

formação humana, e para a leitora conseqüentemente. Esta é a terceira responsabilidade, algo que passa de mim a outro e do outro a mim. Desde o ponto de vista da experiência, a prática leitora não indaga “qual é o livro, mas o que nos passa com sua leitura” (LARROSA, 2011, p. 8).

Como dissemos, os livros configuram-se como diálogos, conversas possíveis de serem aprendidas e ensinadas num exercício que exige escuta. Inicialmente, a de si mesmo. O reconhecimento de outras vozes, outras existências e outros caminhantes ao longo da história da humanidade é exercício de pluralidade, através do qual nos responsabilizamos em dispor aos mais jovens uma formação que constitua leitores abertos à experiência e a não se reconhecerem no espelho (LARROSA, 2003, 2011). Para tanto, importa aceitar a literatura juvenil enquanto gênero oscilante. Ceccantini (2004) argumenta que, na medida em que o gosto de jovens muda de período a período, essa particularidade importa na consolidação de uma produção mais voltada a suprir o desejo de leitura de quem ainda não se sente capacitado para leituras adultas e que não se interessa mais pelas histórias infantis.

Nas últimas décadas, a literatura juvenil teve sua produção ampliada. Isso se deu em meio à diversificação de produtos culturais do mercado que disputam a atenção dos jovens, já que a literatura convive amigavelmente com outras manifestações como cinema, música, *games* e programas e séries de televisão que trazem assuntos presentes na cultura juvenil. Ela se destaca entre os inúmeros gêneros e subgêneros do sistema literário e diz respeito a um segmento direcionado aos adolescentes de, aproximadamente, 14 anos de idade, faixa etária na qual, em média, é prevista a conclusão do 9º ano do ensino fundamental.

Entre as características que a distinguem das demais estão o universo lúdico, a fantasia, a aventura e o mistério. Em nível do suporte, salientamos as ilustrações e outros detalhes, de apelo estético e visual, agradáveis ao público-alvo. É verdade que os livros capturaram a atenção do leitor independentemente do tamanho. Contudo, parte daqueles voltados ao público juvenil traz a fantasia – e um mundo mágico, imersivo e instigante não se constrói em poucos parágrafos. Assim, é viável dizer que, desde a publicação do primeiro tomo da saga *Harry Potter*, a produção de narrativas vem se tornando cada vez mais extensa em número de páginas para os jovens. Mas quem são os jovens, afinal?

Ainda que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considere adolescente a pessoa que possui entre doze e dezoito anos de idade e a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleça uma subdivisão – pré-adolescência, dos 10 aos 14 anos; adolescência, dos 15 aos 19 incompletos; e juventude, dos 15 aos 24 anos – percebemos que, não coincidentemente, as

editoras e o mercado literário de maneira geral relacionam quatro subcategorias segundo faixas etárias: infantojuvenil se identifica com o público de 8 a 12 anos; *Young Adult*³ ou YA (jovem adulto) são os leitores de 13 a 18 anos; *New Adult* (adulto novo) com idade entre 18 e 25 anos; e ainda uma quarta categoria, chamada de *Crossover* (cruzamento), que reúne as três categorias anteriores, somando-se ainda os leitores mais velhos (COZER, 2013).

As informações relacionadas à leitura, a partir dos dados da quarta edição da Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (PROLIVRO, 2016) realizada por encomenda do Instituto Pró-Livro, mostram-nos que há um pouco mais de leitores no Brasil (em 2011, eles representavam 50% da população; em 2015, 56%). Os adolescentes, entre 11 e 13 anos, são os que mais leem por gosto (42%), seguidos por crianças de 5 a 10 anos (40%). Entretanto, muitos jovens não aparecem na pesquisa, os que movimentam as listas de livros mais vendidos. Eles são leitores de *blogs* literários e vivem momentos de descobertas. Leem alguns cânones, mas querem ler outros textos; seguir um autor no *Twitter* e ser amigo dele no *Facebook* são marcas de outro tempo da relação entre autores e leitores, para os quais não basta mais o escritor produzir boas narrativas. O leitor necessita vê-lo, tirar foto, trocar *e-mail* e se relacionar por meio das redes sociais.

São jovens que não leem apenas o que a escola indica, mas que estão em contato direto com as editoras pedindo tradução de obras que já leram em inglês, que produzem *blogs*, escrevem *fanfics*, lotam livrarias e eventos literários em sessões concorridíssimas de autógrafos, vendo a leitura também como diversão. Uma breve olhada nas listas de livros mais vendidos dá a dimensão do fenômeno. Quem encabeçava a lista nos anos de 2014 e 2015 era John Green, com *A culpa é das estrelas* entre outros livros de sua autoria⁴, cultuados por adolescentes. Em outra época, tais nomes poderiam ser substituídos por Agatha Christie (*O caso dos dez negrinhos*), Arthur Conan Doyle (*Sherlock Holmes*), Umberto Eco (*O nome da rosa*), Miguel de Cervantes (*Dom Quixote*) ou Shakespeare, com *Romeu e Julieta*, autores considerados, inseridos em seus contextos históricos, *best-sellers*.

Acompanhando esse movimento, dezenas de plataformas digitais voltadas para esse público foram lançadas nos últimos anos, como o *Skoob*⁵, a maior rede social para leitores do Brasil, que funciona como uma estante

³ A expressão será substituída por YA no restante do artigo.

⁴ Ainda hoje, em 2019, *A culpa é das estrelas* ocupa o pódio, sendo o terceiro livro mais lido, com 362.136 avaliações positivas entre os que finalizaram a sua leitura. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/top_mais_lidos/>. Acesso: jun. 2019.

⁵ A plataforma pode ser acessada, após a criação de um perfil, através do site: <https://www.skoob.com.br/>.

virtual, onde os leitores podem não só colocar os livros já lidos, como aqueles que ainda desejam ler, com a característica de poder compartilhar opiniões com os amigos e fazer trocas de livros. Há ainda um outro fenômeno que envolve diretamente os jovens: são os *booktubers*, que fazem sucesso na internet com vídeos sobre livros de papel. Com a câmera ligada, eles apresentam livros na plataforma de vídeos *YouTube* e compartilham opiniões das mais diversas a respeito do que estão lendo em linguagem informal e despojada – desde clássicos literários até os *best-sellers* contemporâneos. Seus vídeos, visualizados por milhares de pessoas, estão ajudando a transformar o mercado editorial, tanto no Brasil quanto fora do país, e a perpetuar o hábito da leitura.

Tal dinâmica significa, de certa forma, a democratização da crítica que vem transformando a relação dos jovens com a literatura, principalmente dos livros com a internet. Esta, tida como inimiga do mercado editorial, tornou-se aliada de editoras e autores. Ao receber a informação de que se publica e se fala em livros como jamais, nos perguntamos: será verdade que o jovem lê menos, ou não lê? Ou os livros são outros? Assim, aceitando as responsabilidades expostas por Cosson (2011) e sem julgamento de valor, adentramos o material empírico, questões sobre interesses de leitura feitas a jovens em torno dos 14 anos, categoria do mercado editorial do YA, que cursavam o último ano do ensino fundamental e que são leitores assíduos de narrativas.

A primeira constatação foi a de que, entre os cinco jovens pesquisados, reconhecidos entre os pares como companheiros que têm a leitura como prática usual, 100% consomem uma literatura legitimada mais fora do âmbito escolar do que dentro dele. Ao serem perguntados sobre quais obras haviam lido no último ano, todos indicaram, em primeiro lugar, títulos da chamada literatura de massa, em geral representada pelos *best-sellers*. Estas produções seduzem pela linguagem acessível, enredo envolvente e escrita simples, sendo, a propósito, aquela literatura “menor” por vezes repudiada no circuito educacional. Em que pese ser possível discernir peculiaridades entre os conceitos de literatura de massa, literatura de entretenimento, literatura trivial e do *best-seller*, advertimos que substancialmente as obras a eles vinculadas engendram uma relação capital entre produção e consumo, cujos estímulos afluem do mercado, ao contrário das obras consideradas cultas.

O mercado preside as condições de produção dos textos da literatura de massa, sobre a qual, diz Sodré, “importam mesmo os conteúdos fabulativos (e, portanto, a intriga com sua estrutura clássica de princípio-tensão, clímax, desfecho e catarse), destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando a sua sensibilidade” (1985, p. 15). Para ele, o *best-seller* é

produto da literatura de folhetim ou de massa, que “é uma poderosa estimuladora de leitura, isto é, tem o poder de mobilizar o olhar e espicaçar a consciência do consumidor” (SODRÉ, 1985, p. 71). Através desse gênero, autores buscam o público sem se preocupar com a permanência ou a sacralização da obra. Sodré defende essa literatura, sem limitá-la a subproduto da literatura culta ou mesmo estudá-la a partir de uma visão simplista e redutora.

Kothe (1994, p. 87), cotejando literatura de massa e narrativa trivial, esclarece que o primeiro conceito “dá-se em função do público receptor”, enquanto que o segundo “em termos de estruturação do texto”. No entanto, para ele, “não se pode mais reduzir a literatura de massa à narrativa e a narrativa de massas apenas à trivialidade, ainda que em geral ocorra certa coincidência entre massificação e trivialização”.

Já Azevedo (2015) conceitua a literatura de entretenimento como aquela que, legitimada pelo leitor, representa a cultura de massa e tem o mercado como seu principal operador. São textos que se voltam ao lazer e à diversão, despertando emoções diretas – riso, choro, medo – através de “estrutura narrativa padronizada; abundância de diálogos; representações simplificadas de forma a facilitar a compreensão e minimizar o esforço do leitor” (AZEVEDO, 2015, p. 16). A autora também não a vê como subproduto da “grande” literatura, mas como elemento chave da indústria de consumo cultural, pois pode significar uma porta, abrindo-se (ou não) para outros espaços.

A evidência de que a leitura preferencial destes jovens YA era a literatura de massa, nos levou às seguintes intenções no exame das respostas: a) saber o que eles entendiam como experiência leitora e de que modo a literatura de massa (ou de entretenimento) incentivava e dava prazer a eles; b) examinar se as obras lidas pertencentes a esse segmento teriam potencial para ampliar sua caminhada formativa.

O JOVEM E OS SEUS LIVROS PREFERIDOS

Partindo das intenções explicitadas no final da sessão anterior, tivemos acesso a respostas de cinco adolescentes, todos cursando o último ano do Ensino Fundamental II em escolas particulares. As perguntas foram levadas e realizadas por um deles, sabidamente um leitor voraz. O motivo de não buscarmos uma entrevista formal escrita foi o desejo de basearmos a pesquisa numa *conversa* despretensiosa entre os próprios adolescentes, que não caracterizasse uma atividade *escolar* e que objetivasse apenas conhecer detalhes de suas leituras prediletas. O adolescente leitor respondeu às suas

questões e, em seguida, realizou a entrevista com quatro amigos que, como ele, tinham o hábito de leitura incorporado ao seu cotidiano; depois, encaminhou-nos as respostas. Estas foram as questões: 1. Que livros você leu no último ano? De quais você mais gostou e por quê?; 2. Quem fez a indicação? 3. Você os leu em suporte físico ou digital? Por quê?

A pesquisa gerou uma lista de 25 títulos enumerados abaixo sem critério valorativo de preferência, apenas seguindo a menção dos entrevistados. Entre os mais apreciados, apareceram quatro livros, posições 7, 13, 14 e 15, de um mesmo autor, cujas leituras, coincidentemente, não haviam sido indicadas na escola. Em negrito, nas posições 14 e 15, citados por 100% dos jovens, os livros de que mais gostaram e, nas 22 e 23, citados por um dos adolescentes, os únicos indicados pela escola:

- 1) *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* – Augusto Cury
- 2) *Pimentas* – Rubem Alves
- 3) *Ninguém como você* – Lauren Strasnick
- 4) *Série A seleção* – Kiera Cass – 5 vol.
- 5) *Princesa Adormecida* – Paula Pimenta
- 6) *Cinderela pop* – Paula Pimenta
- 7) *Will & Will* – John Green e David Levithan
- 8) *Série O guia do mochileiro das galáxias* – Douglas Adams – 3 vol.
- 9) *De volta aos 15* – Bruna Vieira
- 10) *A menina que roubava livros* – Markus Zusak
- 11) *Extraordinário* – R.J. Palacio
- 12) *A estrela que nunca vai se apagar* – Esther Earl
- 13) *A culpa é das estrelas* – John Green
- 14) ***Quem é você Alasca?*** – John Green
- 15) ***Cidades de papel*** – John Green
- 16) *Eu me chamo Antônio* – Pedro Gabriel
- 17) *As vantagens de ser invisível* – Stephan Chbosky
- 18) *Deixe a neve cair* – John Green, Maureen Johnson e Lauren Myracle
- 19) *Divergente* – Veronica Roth
- 20) *Eu fico loko* – Christian Figueiredo de Caldas
- 21) *Se eu ficar* – Gayle Forman
- 22) ***O Pequeno Príncipe*** - Antoine de Saint-Exupéry
- 23) ***Antes do baile verde*** - Lygia Fagundes Telles
- 24) *Fazendo meu filme* – Paula Pimenta
- 25) *Minha vida fora de série* – Paula Pimenta

Através da terceira pergunta, vimos que preferem o livro no seu suporte físico, pois a totalidade afirmou eleger a leitura em meio impresso ao invés do digital. Supomos que, para além do fato de que “uma narrativa lida na tela do computador não causa o mesmo efeito que quando lida em livro, pois altera a postura corporal do leitor, substituindo seu contato físico com o objeto a ser lido por um botão ou mouse” (PAULINO, 2001, p. 32), para esses jovens o livro acaba sendo uma marca de consumo. Notamos, porém, que o desejo pela posse e transporte físico do objeto liga-se a outro: o fato de *falar* sobre ele. Eles disseram que sentem prazer em levar as obras para a escola, identificando-se com determinados grupos com os quais as discutem; com o *e-book* isso não funciona.

Chegamos, assim, ao exame das indicações e dos motivos das preferências. Entre inúmeros recortes que poderíamos fazer, decidimos debruçar nesse texto nos dois livros escolhidos pelos cinco entrevistados, principalmente porque seu autor teve quatro obras citadas entre as 25, num percentual de 16% das indicações. Eles são de autoria do escritor americano John Green e figuram nas listas de ranking do PublishNews⁶, site especializado em mercado editorial.

Nascido em Indiana, nos Estados Unidos, Green é formado em língua inglesa e estudos religiosos e atua como crítico literário, e comentarista de programas de rádio sobre literatura. Ele é chamado de autor 3.0 e um dos mais queridos pelo público jovem. Escreveu *Quem é você, Alasca?* (2005), *O teorema Katherine* (2006), *Deixe a neve cair* (2008), *Cidades de papel* (2008), *Will e Will, um nome, um destino* (2010) e *A culpa é das estrelas* (2012), a maioria deles sucesso de vendas em todo o mundo e traduzidos em diversas línguas⁷. Ao lado do irmão Hank, que tem um selo de música e um site voltado para temas ambientalistas e tecnológicos, o escritor mantém um canal no *YouTube*, o *VlogBrothers*, com mais de três milhões de seguidores. Os vídeos se limitam a mostrar os dois irmãos, alternadamente, falando para a câmera sobre temas contemporâneos. Sua fama começou nas mídias sociais quando, para o lançamento da obra *A culpa é das estrelas*, o escritor anunciou o título do livro no *Twitter* para os seguidores; uma hora depois, prometeu autografar todos os exemplares comprados na pré-venda. Com a mesma obra recebeu dois prêmios: o *Michael L. Printz Award* e o *Edgar Award* e ainda foi finalista do *L. A. Times Book Prize* duas vezes (BLOG INTRÍNSECA, 2019).

⁶ É possível acessar os rankings por categoria e por período no site www.publishnews.com.br.

⁷ Em 2017, depois da pesquisa, o autor lançou *Tartarugas até lá embaixo*, também um sucesso de vendas.

Green é uma estrela do segmento chamado YA que, como vimos, engloba obras indicadas para adolescentes entre 13 e 18 anos de idade. Contudo, talvez mais relevante do que a idade a que se destina seja a diferença de enredos entre o YA e o juvenil: o YA trata de temas mais adultos, como sexualidade, namoro, família, *bullying*, drogas, doenças e, especialmente, a busca conflituosa pela própria identidade do protagonista, em geral um jovem entre 14 e 18 anos. Nesse sentido, a subcategoria pactua e expande a definição de gênero oscilante trazida por Ceccantini (2004), já que se volta a um público que não estaria preparado para a literatura adulta e, igualmente, não se interessaria mais pelos livros infantis.

Há uma curiosidade cercando os livros de Green. Quando chegam ao Brasil, embora sejam escritos para jovens, figuram tanto nas listas juvenis, quanto nas de ficção adulta. A Editora Intrínseca, por exemplo, os considera próprios a todas as idades, já a WMF Martins Fontes e a Rocco catalogam as obras *Quem é você Alasca* e *Deixe a Neve Cair* como infantojuvenis (COZER, 2013). Isso reforça nossa opção por vinculá-los à subcategoria de leitores YA, uma entre as quatro existentes para o mercado editorial.

Um problema intrincado na literatura, principalmente na juvenil, é a falta de representatividade, pois grande parte dos livros não traz personagens diversificados e que não se enquadrem na descrição magro/hétero/branco. Os adolescentes indicaram que John Green, ao contrário, cria personagens com características diferenciadas e os coloca como protagonistas. Em nossa análise, vimos que alguns de seus enredos trazem princípios morais subentendidos e seus vídeos no canal *VlogBrothers* apresentam aconselhamentos explícitos. Numa fase conturbada, como a adolescência, suas palavras se tornam significativas.

Em relação às temáticas dos enredos e ambientações, a fórmula que explora um universo fantasioso ora habitado por bruxos ou vampiros, ora situado num futuro utópico, parecia imbatível entre o público jovem de todo o mundo. Primeiro veio *Harry Potter* (1997), depois *Percy Jackson: o ladrão de raios* (2005), seguidos por *Crepúsculo* (2005), *Jogos vorazes* (2008) e, mais recentemente, *Divergente* (2011). Estes títulos alçaram, quase de pronto, o topo da lista dos mais vendidos em diversos países, inclusive o Brasil. Mas tanto as respostas obtidas dos entrevistados quanto o *ranking* dos mais vendidos e lidos nos sites já referidos, confirmam o fato de que leitores assíduos – principalmente YA – vêm se desapegando da receita e se rendendo a outro modelo de literatura juvenil ou jovem adulta. Eles mostram que não são apenas as tramas de fantasia que têm espaço cativo em suas estantes. Saem de cena os heróis com qualidades mágicas e ambição infinita, dando espaço a adolescentes comuns, cujas batalhas, dramas e dilemas são facilmente relacionáveis aos de quem os lê.

Para ilustrar a febre, basta cotejarmos a lista dos mais vendidos das principais livrarias do país e a dos livros preferidos pelos adolescentes investigados. Praticamente toda a coleção literária de John Green se encontra no topo de ambas. Um estudo da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) mostrou que, em 2014, os números da literatura juvenil superaram os da literatura adulta no que se refere à quantidade de exemplares produzidos no país: respectivamente 57,3 milhões contra 48,4 milhões. O único segmento maior que o juvenil é o de literatura estrangeira, com 21% das vendas. Mas esse número é inflado pelos juvenis, já que os livros lançados fora do país como juvenis saem aqui como ficção estrangeira, caso de *A culpa é das estrelas*.

Ao analisar a linguagem das obras *Quem é você, Alasca?* e *A culpa é das estrelas*, notamos que ambas têm, como referiram 60% dos adolescentes entrevistados, linguagem ‘legal’, fácil, leve e rápida. Através do humor, da tensão e de reflexões sobre os dramas da juventude, o autor captura seus leitores. A diferença em relação aos últimos sucessos juvenis é clara. Enquanto autores como Stephanie Meyer e Veronica Roth focam em distopias, vampiros ou mundos imaginários, as histórias de Green lidam com problemas e dúvidas de todo o adolescente: amor, amizade, crises existenciais, doenças, transtornos, liberdade, mudanças, homossexualidade, preconceito. Além disso, seus personagens estão distantes da perfeição: alguns são egoístas e impulsivos, outros sarcásticos, beirando o humor negro. E, a grande maioria, apresenta um lado inteligente, sagaz e *nerd*, que acaba representando o próprio autor – ele mesmo um *nerd* assumido que tem uma leva de fãs autodenominada *nerdfighters* que acompanha seu *vlog*.

O primeiro romance escrito por John Green, *Quem é você, Alasca?*, selecionado como preferido, mostra o dilema do adolescente Miles Halter, que vivia uma vida comum e sem muitas emoções (ou amizades) na Flórida. Ele tinha um gosto peculiar: memorizar as últimas palavras de grandes personalidades da história. Uma dessas personalidades, François Rabelais, um escritor do século XVI, disse no leito de morte que ia em “busca de um Grande Talvez”. Para não ter que esperar a morte para encontrar seu Grande Talvez, Miles decide fazer as malas e partir para a Escola Culver Creek, um internato no ensolarado Alabama. Lá, ele conhece Alasca Young, uma garota inteligente, espirituosa, problemática e extremamente sensual, que o levará para o seu labirinto e o catapultará em direção ao "Grande Talvez". Ela tem em seu livro preferido, *O general em seu labirinto*, de Gabriel García Márquez, a pergunta para a qual busca incessantemente uma resposta: “Como vou sair desse labirinto?” Miles se apaixona por Alasca, mesmo sem entendê-la.

Alasca gosta muito de ler, principalmente clássicos, e tem sua

própria biblioteca particular, em que aparecem autores como García Márquez, Kurt Vonnegut, Edgar Allan Poe, e os livros *Jane Eyre*, *Moby Dick*, entre outros citados. Bujão e Coronel, personagens amigos, mesmo viciados em videogame, também gostam de ler. O momento em que Miles conhece Alasca é marcante neste aspecto, pois, ao mesmo tempo, ele fica sem reação ao perceber a beleza dela e a quantidade enorme de livros no quarto da garota, em que a “biblioteca enchia as estantes e transbordava em montes de livros que chegavam à cintura, empilhados desordenadamente” (GREEN, 2010, p. 15).

O autor, no livro, consegue surpreender o leitor com os acontecimentos relacionados à morte, ao luto e à religião, mas que chegaram a ser fonte de controvérsia em algumas escolas norte-americanas devido ao conteúdo um tanto quanto explícito. Uma narrativa bela, triste, encantadora, que faz o leitor rir, divertir-se, imaginar-se no lugar das personagens, chorar e tentar desvendar os mistérios de Alasca. Realmente, ele produz uma excelente metáfora sobre a adolescência, expondo a personificação do talvez e de todas as inquietudes que acompanham essa fase.

Já o maior *best-seller* de Green, *A culpa é das estrelas* (2012), também referido pelos cinco jovens nas entrevistas, vendeu mais de dois milhões de exemplares. A obra, narrada em primeira pessoa pela jovem Hazel Grace, conta a história dela e de Augustus Waters, ambos adolescentes com câncer que se conhecem em uma reunião do Grupo de Apoio. É interessante observar a maneira como ela se descreve:

Eu não frequentava uma escola de verdade havia três anos. Meus melhores amigos eram meus pais. Meu terceiro melhor amigo era um escritor que nem sabia que eu existia. Eu era relativamente tímida - de jeito nenhum o tipo que levanta a mão para falar (GREEN, 2012, p. 19).

Hazel é uma leitora voraz de 16 anos, com uma sensibilidade bastante própria, ideias afiadas e câncer de tireoide com metástase nos pulmões, o que a faz caminhar o tempo todo com um cilindro de oxigênio. Ainda que, por um milagre da medicina, seu tumor tenha reduzido bastante — o que lhe dá a promessa de viver mais alguns anos —, o último capítulo de sua história foi escrito no momento do diagnóstico. Augustus, 17 anos, gosta de música, livros e games e seu osteossarcoma está em remissão há mais de um ano. Outro personagem importante, que também participa das reuniões do Grupo de Apoio, é Isaac, portador de um tipo raro de câncer ocular que o levou a extrair um dos olhos quando criança.

Na obra, são visíveis durante todo o enredo as temáticas da

sexualidade e das emoções de um primeiro relacionamento – sempre com muito humor. O desfecho da narrativa se prende ao momento exato em que Hazel é informada pelo amigo Isaac de que Augustus escrevera antes de morrer uma carta contendo o que seria a continuação do livro de um autor holandês, chamado Peter Van Houten, que os dois adoravam. Perplexa, assim como o leitor, ela descobre, portanto, que a carta havia sido enviada ao autor do livro e que se tratava de um pedido: de que Van Houten escrevesse um elogio fúnebre para Hazel. As últimas páginas de *A culpa é das estrelas* revelam o texto completo da carta que confidenciam os sentimentos de Augustus para com Hazel.

Há, nas duas obras mais apreciadas pelos entrevistados, atributos em comum. O mais evidente é o modo através do qual o autor valoriza seus leitores, divisando-os como indivíduos que querem pensar e ocupar o protagonismo de suas vidas, desde que com um pouco de emoção. Os personagens são sempre jovens e os enredos giram em torno de questões peculiares para a faixa-etária: o primeiro dia de aula em uma nova escola, os conflitos familiares, o início da vida amorosa e sexual, a lealdade e o companheirismo dos amigos. Nesse sentido, o jovem leitor é “tratado como portador de opiniões próprias, lidando com etapas importantes e características de sua vida e as narrativas literárias podem ser um recurso de apoio para melhor compreensão do mundo e da própria vida” (AZEVEDO, 2015, p. 46).

Retomando nossas intenções de análise, expostas na primeira seção, fica evidente, no cotejo entre as respostas dos jovens pesquisados e a análise das obras preferidas, o vínculo entre a experiência leitora da literatura de massa (ou de entretenimento) e o envolvimento afetivo dos jovens com temáticas, enredos, personagens e linguagem apresentadas. Tais livros criam elos emocionais com os leitores, relações baseadas também nos sentimentos. Isso pode ser confirmado nos episódios apresentados nas duas obras do *corpus*, que se desenvolvem, sem nenhuma pretensão didática explícita por parte do autor, a partir da questão do relacionamento entre pais e filhos; da indeterminação em movimento que aproxima e afasta (personagens e leitores) tanto da infância quanto da vida adulta; dos ritos de passagem associados à adolescência; das questões sobre sexualidade e o início da vida sexual; de experiências de vida em outros países; e da preocupação do adolescente em ser aceito nos grupos.

A partir dessas considerações, Azevedo (2015, p.49) salienta que essas narrativas concedem acesso a prazeres presumidos, que se “dão ao mesmo tempo sobre experiências já vividas mentalmente (a partir dos livros já lidos) e aquelas apenas imaginadas (que o leitor supõe que encontrará na leitura dos próximos livros)”. Resta-nos, ainda, examinar se as obras de

Green, preferidas no seguimento do entretenimento, podem potencializar a ampliação de uma trajetória de formação leitora para os YA, sem negligenciar a existência do cânone como herança cultural.

Nesse sentido, a relação das personagens com os livros é uma característica evidente e que não pode passar despercebida quando da leitura e observação das produções. Concretamente, como aconteceu com *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, em que os fãs da saga dos vampiros impulsionaram, no mundo todo, a venda de *O morro dos ventos uivantes*, clássico de 1847 de Emily Brontë – pois era o livro preferido de Bella, a protagonista, o mesmo aconteceu com *A culpa é das estrelas*. Depois da estreia do filme, baseado no *best-seller*, as vendas de *O diário de Anne Frank*, de 1947, dobraram. Isso porque, na história (tanto no livro quanto no filme), o casal visita a casa da menina que registrou sua rotina diante os horrores do holocausto.

Ainda que a vinculação pareça acontecer, no exemplo do parágrafo anterior, de modo mais explícito a partir da alteração do suporte literário para o fílmico, há evidências nas obras desse potencial: a ideação de personagens leitores, a presença de ambientes vinculados aos livros e às manifestações culturais, como bibliotecas e museus, a citação explícita de nomes de autores canônicos, títulos e passagens de obras entre outras. Um conjunto de marcas que podem indicar caminhos.

Literatura de entretenimento? Literatura de massa? Literatura trivial? Literatura menor? *Best-seller*? Essa literatura não será capaz de formar leitores? Diante de todas essas questões é bom não perder de vista que estamos falando de jovens leitores, isto é, em formação. Um grande equívoco, segundo Lajolo, é diagnosticar o declínio ou a inexistência do *hábito* de leitura entre os jovens, pois "espartilhada em hábito, a leitura torna-se passível de rotina, de mecanização e automação, semelhante a certos rituais de higiene e alimentação" (LAJOLO, 2002, p. 107).

Pelo menos no início do aprendizado – e o respeito à pluralidade, como nos mostra Cosson (2011), não poderia ser, assim, considerado sempre tão inicial – a leitura pede que possamos trilhar caminhos para poder encontrar *outros caminhos*. Quando compreendemos que o leitor não nasce pronto ou que o simples fato de saber ler não indica que ele seja um leitor maduro, percebemos a riqueza da diversidade. Talvez, os adultos da escola pudessem, na intenção de concretizar sua responsabilidade experiente, partir daquilo que o aluno lê para aquilo que ele desconhece, daquilo que o sensibiliza por identificação para aquilo que, ampliando sua visão de mundo, o faz tremer diante do reconhecimento de *outras* vidas, de *outras* vozes, de *outras* existências e de *outras* experiências nem ao menos suspeitadas. Dentro do conceito de entretenimento, o jovem quer viver a experiência e,

nesse contexto, *ainda* não faz sentido ler com o foco na intenção de encontrar recursos literários. Nas veredas de seu letramento, também o literário, o jovem rouba um si mesmo no *outro* do livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma entrevista informal, caracterizada como *conversa* despreziosa entre cinco adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental II, de escolas particulares, leitores assíduos de narrativas, chegamos à indicação de uma lista, contendo 25 títulos (dois deles coleções com mais de um tomo), lidos em um ano pelos integrantes do grupo, e aos motivos pelos quais foram preferidos. Com base nesses dados empíricos, nos perguntamos: será que o jovem não lê?

Os livros *Quem é você, Alasca?* e *A culpa é das estrelas*, considerados mais relevantes pela totalidade dos adolescentes, foram o foco da nossa atenção. Eles são de autoria do escritor americano John Green e figuram nas listas de ranking dos mais vendidos desde 2016, momento em que os dados foram coletados. O mesmo autor teve quatro obras citadas entre as 25 lidas, num percentual de 16% das indicações. Embora os dados de pesquisas demonstrem que os adolescentes, entre 11 e 13 anos, faixa etária pesquisada, sejam os que mais leem por gosto (42%), seguidos por crianças de 5 a 10 anos (40%), infelizmente, verificamos que os entrevistados consomem em geral uma literatura legitimada fora do âmbito escolar, pois apenas dois títulos entre os lidos foram indicados pela escola, sendo citados apenas por um dos entrevistados.

Intentamos, com Cosson (2011), encarar a leitura das produções preferidas como experiência e não como conteúdo, buscando peculiaridades que adensam o viver. Com isso, vislumbramos que os livros amados, pertencentes ao segmento da literatura de massa ou de entretenimento, têm potencial para ampliar a trilha formativa dos jovens, na medida em que, sendo conversas sobre *suas vidas*, auxiliam-nos a aprender a conversar, já que a literatura ocupa um espaço simbólico que intensifica a dimensão reflexiva da linguagem.

Na medida em que o gosto dos jovens muda de período a período, consideramos pertinente o quadro de subcategorias, segundo faixas etárias, utilizado pelo mercado editorial literário: infantojuvenil, relativa ao público de 8 a 12 anos; *Young Adult* ou YA (jovem adulto), leitores de 13 a 18 anos; *New Adult* (adulto novo) leitores de idade entre 18 e 25 anos; e ainda a categoria *Crossover* (cruzamento), que reúne as três anteriores, somando-se ainda os leitores mais velhos. Tal segmentação minimiza o vácuo gerado pela

divisão entre de um lado, a literatura para crianças e jovens e, de outro, a literatura adulta, valorizando a literatura juvenil enquanto gênero oscilante (CECCANTINI, 2004), particularidade fulcral para a consolidação de uma produção voltada a suprir o desejo de ler de quem ainda não se sente capacitado para leituras adultas e que não se interessa mais pelas histórias infantis. Green é notadamente uma estrela do segmento chamado YA, identificado com adolescentes entre 13 e 18 anos de idade. Contudo, mais significativo do que a idade dos destinatários, a diferença elementar entre o YA e o infantojuvenil concerne aos enredos: o YA trata de temas mais maduros, como sexualidade, namoro, família, *bullying*, drogas, doenças e, especialmente, a busca da identidade. Na análise, relacionamos os significados sugeridos pelos jovens pesquisados para a ação de ler narrativas literárias ao vínculo direto que fazem com os elementos estruturais das obras preferidas – enredos, temáticas, linguagem e caracterização de personagens. Igualmente, com a necessidade de falar e ouvir a respeito, pois os jovens têm necessidade de socializar suas leituras. Talvez estejamos resgatando uma forma antiga de ler: os *booktubers* que exercem uma espécie de ritual coletivo ao compartilharem na internet suas experiências leitoras.

John Green foi elogiado pelos jovens como um autor que cria personagens com características diferenciadas e os coloca como protagonistas, suas histórias lidam com problemas e dúvidas de todo o adolescente: amor, amizade, crises existenciais, doenças, transtornos, liberdade, mudanças, homossexualidade, preconceito. Com isso, verificamos que leitores assíduos YA vêm se desapegando da receita de fantasia, conferindo espaço a adolescentes comuns. Entretanto, eles ainda preferem o livro no suporte físico, pois 100% dos entrevistados afirmou eleger a leitura em meio impresso ao invés do digital, principalmente por desejarem levar as obras para a escola e, através delas, trocar experiências com grupos específicos, ficando evidente o vínculo entre a experiência leitora da literatura de massa (ou de entretenimento) e o envolvimento afetivo dos jovens com seu compartilhamento.

Finalmente, as obras escolhidas têm potencial para ampliar a trajetória de formação leitora dos jovens. Reconhecendo a existência do cânone como herança cultural, há marcas evidentes nas obras que presentificam essa disposição: a ideação de personagens leitores, a presença de ambientes vinculados aos livros e às manifestações culturais, como bibliotecas e museus, a citação explícita de nomes de autores, títulos e fragmentos de obras.

Consideramos relevante que, à ideia de formação leitora e, em especial, a literária, seja contraposta uma compreensão de que há percursos formativos. São praticamente certas as possibilidades de que os jovens

participantes dessa pesquisa, ocorrida em 2016, já vejam os livros que indicaram como antiquados e já estejam interessados em outras obras, outros tipos de história, que podem já ser ou não cânones literários. É possível, também, que em pouco tempo John Green não seja mais um escritor aclamado e seus livros se percam empoeirados nas bibliotecas; mas ler é mergulhar em contextos, o que exige do leitor consciência do que acontece ao redor. Então, mais do que se preocupar com o que estão lendo, é relevante pensar como e quanto estão lendo. Um leitor literário competente desfruta da literatura – lendo-a, ouvindo-a ou falando sobre ela. Se lendo pomos em marcha nosso conhecimento de mundo, nossa biblioteca vivida, vemos como avanço a possibilidade de a escola deixar de falsear a leitura literária como matéria educativa, assumindo-a como experiência de pluralidade, através da qual, em cada momento da *nossa* vida, a possamos perceber como *nossa*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Marcella Silva. *Fala sério, adolescente: um estudo sobre consumo, celebridades e representações sociais a partir da obra da escritora Thalita Rebouças*. Rio de Janeiro, 2015. 120 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BLOG INTRÍNSECA. John Green ganha prêmio de inovação. 20 fev 2014. Disponível em: <<https://www.intrinseca.com.br/blog/2014/02/john-green-ganha-premio-de-inovacao/>>. Acesso em: 05 dez 2019.

CECCANTINI, João Luis. *Perspectivas de pesquisa em literatura infantojuvenil*. In: CECCANTINI, João Luis C. T (Org.). *Leitura e literatura infantojuvenil: memórias de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COZER, Raquel. *Segmento juvenil lidera crescimento nas vendas de livros em 2013*. Folha de São Paulo. São Paulo, 14 de dez. de 2013. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1385279-segmen-to-juvenil-lidera-crescimento-nas-vendas-de-livros-em-2013.shtml>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

FIPE. *A literatura infantil e a literatura juvenil no universo da produção*

livreira brasileira. Disponível em <http://pesquisaeditoras.fipe.org.br/Dados/ShowPDF_3/5>. Acesso em: 5 jun. 2016.

GREEN, John. *A culpa é das estrelas*. Trad. Renata Pettengill. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

_____. *Quem é você, Alasca?* Trad. Rodrigo Neves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

KOTHE, Flávio Rene. *A narrativa trivial*. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura de mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em Educação. *Revista Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>>. Acesso em: 10 out. 2015.

_____. *La experiencia de la lectura*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

PAULINO, Graça et al. *Tipos de textos, modos de leitura*. 2. ed. Belo Horizonte: Formato, 2001.

PROLIVRO. *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: 10 maio 2016.

REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1985.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.

Data de recebimento: 15 jun. 2019

Data de aprovação: 10 set. 2019